

A existência de Deus

I have said, elohim ye are; and all of you are Bnei HaElyon. – Orthodox Jewish Bible

Ego dixi: Dii estis, et filii Excelsi omnes. – Vulgata Latina

Eu disse: Vós sois deuses, e vós outros sois todos filhos do Altíssimo – Almeida Revista e Corrigida
SI 82:6

O salmo acima tem sido tema de controvérsias em dois mil anos de cristianismo, e o problema não se dá por tradução, mas por compreensão, e compreensão antropológica, não hermenêutica. Toda a problemática aqui reside na mente ocidental que, desde o Império Romano tenta adentrar a teologia hebraica sem entender a antropologia judaica¹. Agostinho (IV d.C.) escreveu sobre a dificuldade em pensar com a mente dos autores das Escrituras e, assim, entender como entendia o hebreu. Disse o teólogo:

*[...]para que esses que se prezam de falar das Escrituras e não lhes estudam o estilo literário saibam que não apenas se diz sair da boca de Deus que é igual ou da mesma natureza que ele, ouçam ou leiam o que Deus ditou e foi escrito: porquanto és morno e não frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca”.*²

O pai da Igreja discute no Capítulo Décimo Terceiro de Cidade de Deus sobre a origem da morte do homem no pecado de Adão, em seu argumento, Agostinho fala sobre a alma sendo originária não de Deus como essência mas como sopro de vida externa ao Criador: *assim como podemos emitir sopro, não da natureza que nos constitui em homens, mas do ar que nos rodeia, que trazemos e levamos, respirando e aspirando, assim Deus, onipotente, pôde formar não de sua natureza, nem de criatura alguma sujeita a seu domínio, mas do nada, um sopro, que com muita propriedade está escrito haver inspirado ou soprado para infundi-lo no corpo do homem*³.

A compreensão de que somos feitos a partir da vida dada por Ele mas externa a Ele, nos conduz à elucidação de uma das primeiras más-compreensões bíblicas, quando ainda no primeiro capítulo do Gênesis encontramos a citação *“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou”* (v. 27). O que seria essa “imagem”? A origem da palavra já elucida a questão. Em hebraico, a palavra para imagem é “tzelem”, derivação de “tzel”, que significa “sombra”. O homem criado à sombra (tzelem) de Deus é perfeitamente ilustrado pelo salmista que aplica o substantivo *elohim* às criaturas e não apenas ao Criador (*I have said, elohim ye are*). O Dicionário Bíblico Wycliffe traz no vocábulo DEUS a definição completa em Elohim:

O livro de Gênesis imediatamente atribui a criação do universo e do homem a *Elohim*, um nome genérico para divindade, cujo equivalente é *theos* em grego, *Deus* em latim e também em português. O substantivo plural (*’elohah, ’elohim*) no uso pagão significava a pluralidade de deuses. A forma plural *elohim* é uniformemente usada no Antigo Testamento, mas com um adjetivo no singular para excluir a má interpretação politeísta⁴.

¹ Hoje é comum estudos bíblicos falando sobre *Antropologia Bíblica*, termo estranho uma vez que não existe antropologia bíblica e sim antropologia judaica (ou hebraica), grega ou alemã mas não bíblica, física ou religiosa.

² AGOSTINHO. *Cidade de Deus*. Vozes. São Paulo, 2014. Cap 13.24

³ Op. Cit.

⁴ PFEIFFER. C.; HOWARD. F.; REA. J. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. CPAD. Rio de Janeiro, 2019. *DEUS*, pag. 540.

Das características humanas, a que nos diferencia do restante da Criação – e aqui está a tarefa à qual Agostinho se debruça em Cidade de Deus – não é o mover (De Anima) mas a volição e o raciocínio. No mesmo capítulo de Gênesis Elohim diz *“Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis...”*, teria o Criador soprado também nas narinas de cada rã, tartaruga e búfalo para que tomassem vida? Certamente que não, sendo o sopro de vida não o mover (que é dado aos homens e aos animais) mas algo diferencial, a saber, vontade e criatividade. Apenas o homem deseja -- e não “obedece” ao instinto. Apenas o homem cria – e não utiliza o que lhe é posto. Aqui se entende (quem tem mente para entender) em quê, e por quê, somos Sua imagem e semelhança. E entendendo, nos é obrigatório passar a viver como Ele vive.

Nesse sentido direcional, não evolutivo mas renovador, o apóstolo Paulo instrui aos colossenses (3:9-11): *“despójai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da blasfêmia, da comunicação obscena da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes de novo homem, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.* Temos aqui a demonstração do que é verdadeiramente ser à imagem e semelhança de Deus: ser perfeito (Mt 5:48).

Em *A instituição da religião cristã*, João Calvino defende com clareza a queda em Adão sendo repassada à humanidade não apenas no corpo corruptível mas também na alma, e cita o apóstolo Paulo em II Co 7:1 quando diz

Tendo, portanto, amados, essas promessas, purifiquemo-nos de toda a imundície da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.

Segue Calvino: [...]mostra que há duas partes nas quais residem os sórdidos pecados. Sim, e por serem ambos, carne e espírito, alvos do vício, o autor da epístola aos Hebreus intercede: *“obedecei àqueles que vos governam, e sujeitai-vos a eles; porque eles velam por vossas almas, como aqueles que deverão prestar conta delas* (13:17). Demonstra-se com isso a essência própria da alma na individualidade humana, não sendo por óbvio possível a essência de YHWH ser passível do pecado.

O homem, feito à imagem e semelhança de Deus é o segundo Adão, que representado no próprio Cristo estava originariamente com o Pai e conduz todo aquele que nele crê, à reintegração ao Criador, assim como Lázaro no seio de Abraão, o [bom] ladrão que subiu ao céu junto com o Cordeiro após a crucificação, e o próprio Cristo ao entregar o espírito. Esse homem incorruptível é a meta cristã, por claro não alcançada por trabalho humano ou caridades, mas pela graça do Salvador. O cristão que se renova a cada dia (II Co 4:16). Exaltar os filhos de Deus a não se conformarem com este século, mas se transformar pela renovação da mente (Rm 12:2) é instigar os salvos a cultivarem sua divindade expressa pelo salmista, lembrança espiritual gravada na parte que nos pertence imaterialmente. A saudade da Pátria Celestial que nos lembra a todo o momento sermos estrangeiros na Terra, andarilhos, não perdidos, mas direcionados para o alto como o apóstolo:

“[...]prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” (Fp 3:14)

O homem como prova da realidade de Deus

Lembrando-nos da máxima aristotélica de que *o menor vem do maior*, é conclusão filosófica (e matemática) de que sendo o homem a “coroa da criação”, não encontrando nada na Natureza que lhe tenha semelhança, é em si mesmo a comprovação definitiva de que sua origem não está aqui, mas no céu. Se não há nessa Terra nada como o homem (muito menos além do homem), qual é sua origem?



Elohin é a origem, não por matéria de fé mas de razão. Todo aquele que nega a existência de Deus não o faz por cálculo mas por vontade, a mesma faculdade volitiva concedida aos anjos e aos homens, que dominada pelo vício levou Lúcifer a arremeter contra Deus e o homem a desejar a plenitude de Seu poder. Apenas Deus pode ser a origem de tão grande criatura, que detém em si a primazia de toda a criação, subjugando-a e dominando-a.

Fernando Melo
Brasília, 28 de abril de 2021.